



**Impresso
Especial**

9912265362/2010-DR/BSB
FENAE

CORREIOS

**Contratação de pessoal e maior
participação nos lucros**

**Aumento real e valorização
do piso salarial**

**Avanços importantes para o
pessoal da Caixa**

**Combate ao assédio moral
e às metas abusivas**

**Avanços sociais e
conquistas políticas**

A força da mobilização

Após 21 dias parados e o recorde de 9.254 agências fechadas, bancários conseguem aumento real de salário, valorização dos pisos e mais participação nos lucros dos bancos



**Viagens e trabalho
na aposentadoria
PAG 8**



**Jogos revelam
talentos do esporte
PAG 20**

Visite nossa Vitrine e encontre produtos que vão lhe surpreender



VITRINE
FENAE
PROMOVENDO RESPONSABILIDADE SOCIAL

Produtos a preço de custo, muitos deles confeccionados com materiais reciclados de excelente qualidade e acabamento. Conheça toda a linha de produtos da Fenae. Visite o site: www.fenae.org.br/vitrine



Expediente:

Administração e redação: Setor Comercial Sul, quadra 1, bloco C, n.º 30, Edifício Antônio Venâncio da Silva, 5º andar, Brasília (DF) - CEP: 70395-900 - Telefone: (61) 3323-7516 - Fax: (61) 3226-6402 - www.fenae.org.br - imprensa@fenae.org.br - **Diretoria Executiva - Diretor-presidente:** Pedro Eugênio Beneduzzi Leite. **Diretor vice-presidente:** Jair Pedro Ferreira. **Diretora de Administração e Finanças:** Fabiana Cristina Meneguete Matheus. **Diretor de Comunicação e Imprensa:** Daniel Machado Gaio. **Diretor de Esportes:** Paulo César Barros Cotrim. **Diretora de Cultura:** Ely Custódio Freire. **Diretor para Assuntos de Aposentados e Pensionistas:** Olívio Gomes Vieira. **Diretoria Executiva:** Paulo Roberto Damasceno, Kardec de Jesus Bezerra, Maristela da Rocha, Marcos Benedito de Oliveira Pereira. **Conselho Fiscal - Titulares:** Marcos Aurélio Saraiva Holanda, Paulo Cesar Matileti, Laércio Silva. **Suplentes:** Anabele Cristina Silva, Jorge Luiz Furlan, Daniel Pinto de Azeredo. **Conselho Deliberativo Nacional - Presidente:** José Áureo de Oliveria Junior. **Vice-presidente:** Cely Nascimento. **Secretário-geral:** Vera Lúcia Barbosa Leão. **Gerente de Comunicação:** Eurico Batista. **Jornalistas:** Antônio José Reis, Evando Peixoto, Amanda Vieira e Andréa Viegas. **Mundo Caixa e Responsabilidade Social:** Thiago Turbay. **Fotos:** as não identificadas são de autoria de Augusto Coelho. **Design:** Lisarb Sena de Mello e Marcelo Villodres. **Ilustrações e projeto gráfico:** Lisarb Sena de Mello. **Colaboradores:** Mylton Severiano e Fernando Nogueira. **Impressão:** Bangraf. **Tiragem:** 120 mil exemplares. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores. As matérias podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte. Distribuição gratuita.





Outras lutas virão. Estaremos mais fortes ainda

A mobilização dos bancários em todo o país demonstrou força e organização da categoria. Focados nas necessárias melhorias de salários e das condições de trabalho, a união dos trabalhadores foi determinante para a realização de uma greve histórica que resultou em conquistas importantes. Em busca dos seus direitos, os bancários não se iludiram diante das bruscas variações de humor na economia mundial e de argumentos superados de parte dos banqueiros, como “salário gera inflação”.

Com a participação de expressiva parcela dos empregados da Caixa, a greve dos bancários superou as movimentações de anos anteriores. Foram 21 dias parados, 9.254 agências fechadas. A greve unificada arrancou a negociação de aumento real de salários, valorização dos pisos, melhoria na participação dos lucros e outros avanços – conforme se lê na matéria de capa às páginas de 10 a 14 desta edição. O movimento resultou em conquistas econômicas e políticas para os bancários.

A Convenção Coletiva de Trabalho encerra a greve, mas não cessa a busca dos bancários por seus direitos. Outras lutas virão e a categoria precisa ampliar seu poder de mobilização, fortalecendo cada vez mais as entidades representativas. A importância de se ter entidades fortes e atuantes fica demonstrada a cada campanha salarial.

Ao completar 40 anos, a Fenaee se insere nesse cenário e coloca toda a sua tradição de união, lutas e conquistas a serviço da categoria. Em todas as etapas, frente a quaisquer desafios, estaremos mais fortes ainda.<



O Dia do Saci é comemorado oficialmente em 31 de outubro, data reconhecida por lei em vários estados e cidades brasileiras. A data foi escolhida por alusão à festa americana “Halloween”. Conforme relata Robson Moreira, da organização Sociedade dos Observadores de Saci (SOSACI), o personagem folclórico conhecido por usar gorro vermelho e ter uma perna só é símbolo de resistência, e estimula crianças e jovens a conhecerem

Viva o Saci!

e se preocuparem com nossas raízes, nossa cultura e nossa identidade. A organização está promovendo uma campanha para colocar o Saci como mascote oficial da Copa do Mundo de Futebol, em 2014. A escolha está sendo conduzida pela FIFA e o Comitê Organizador Local (COL), e será definida no segundo semestre de 2012. Quem quiser apoiar o Saci como mascote basta preencher o formulário no site www.sosaci.org.



As Apcefs do Amazonas, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe e Tocantins comemoram o dia do Saci em 12 de outubro, Dia das Crianças. As associações de São Paulo e do Rio Grande do Sul realizaram o evento no dia 15 de outubro. No dia 29, foi a vez da Apcef do Paraná. No dia 30 comemoraram as Apcefs de Alagoas, Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais.

A Fenaé patrocinou parte das comemorações nas Apcefs, que proporcionaram aos associados gincanas, distribuição de lanches e brindes, recreação com palhaços, contação de histórias, teatro infantil, pintura no rosto, entre outras atividades. Os participantes receberam, como brinde, portarretratos temáticos do Saci.◀



Lala Deheinzelin

ECONOMIA CRIATIVA

Movimento para a criação de futuros desejáveis

Lala Deheinzelin é pioneira no Brasil e uma das especialistas mundiais em economia criativa. Presta assessoria a instituições, empresas e governos no país e no exterior, além de organismos multilaterais (Unesco). É proprietária da Enthusiasmo Cultural e fundadora do movimento ibero-americano Crie Futuros, que desenvolve metodologias e plataformas digitais para facilitar a criação de futuros desejáveis

O eixo do trabalho de Lala Deheinzelin é mostrar por que a economia criativa é estratégica no século 21. Para ela, “o futuro é fruto dos sonhos do passado e das escolhas do presente”. Confira a entrevista para *Fenae Agora*.

FA – Em que consiste a economia criativa?

Lala – Olhando imagens e visões do “passado do futuro”, fica claro que aquilo que vivemos hoje foi antes sonhado: telecomunicações, computação, carros, cidades,

medicina diagnóstica, formas de lazer. Essa realidade mobilizou nosso desejo e inseminou o presente. Agora, é a nossa vez de sonhar e criar novos modelos de vida e negócios que possam ser sementes de futuro e sirvam para orientar nossas escolhas do presente.

O modelo de vida que se organiza em torno do material, tangível e finito (terra, ouro e petróleo), está sendo substituído por um outro, onde o intangível desempenha papel cada vez mais central.

O modelo baseado na exploração dos recursos materiais, que são finitos, integra a economia de escassez e tem como valor a competição. Diferentemente disso, a cultura, o conhecimento e a criatividade são a matéria-prima de uma nova economia de abundância, potencializada pelas novas tecnologias e pela organização em redes e coletivos. A inclusão é um dos princípios básicos da economia criativa, que visa ampliar os modelos baseados em produção, distribuição e consumo. Economia criativa não lida com produto, mas com processo. Não contempla apenas o econômico, mas abarca também dimensões relacionadas ao cultural, ao simbólico, ao social, ao ambiental e até mesmo ao sensorial, auferindo graus sutis de satisfação. Foi daí que a economia criativa se consolidou como a grande estratégia de desenvolvimento sustentável para o século 21.

FA – Quais as diferenças entre a economia criativa e a de caráter tradicional?

Lala – Nossos sonhos do passado mostravam um futuro no qual a tecnologia e os produtos inventados eram a solução para tudo. Hoje, sabemos que a tecnologia é meio, não fim, e isso reforçou ainda mais a necessidade de processos: mudar o jeito de pensar e fazer. Resultado: passamos de consumidores a desfrutadores, a chave agora está na experiência, em desfrutar algo e não consumir esse algo.

Quando as pessoas caminham, uma perna serve de apoio e a outra avança. Ao pensar produtos e processos sustentáveis, a perna de apoio está no presente (os modelos e jeitos de fazer atuais), e a outra no futuro (ousar, experimentar, desenvolver novos modelos e maneiras de atuar). Basear-se apenas no presente como referência é andar para trás, já que o presente é a materialização das ideias e conceitos do passado. A perna que avança para o futuro considera como modelo a cooperação e não a competição, sabe que no futuro os limites entre linguagens e setores serão cada vez mais fluidos.

O modelo tradicional, com visão imediatista e de curto prazo, é o da economia de escala, com sua centralização e homogeneização (poucos produzindo para muitos). Agora, a solução sustentável está no modelo descentralizado, diversificado, a economia de nicho (muitos produzindo um pouco para muitos). Não mais a fábrica fazendo mil bolos iguais e concentrando poder em quem distribui, mas várias padarias da comunidade assando cem e distribuindo de

bicicleta. A chave, conforme fica cada vez mais claro, está no local, no território, é aí onde o desenvolvimento pode acontecer. No futuro, inclusive, teremos várias moedas e não apenas uma por nação. Todas as novas economias, como a criativa, têm na diversidade o seu eixo central.

FA – Quais são os segmentos mais característicos da economia criativa, e por quê?

Lala – A economia criativa inclui a economia da cultura, com os setores predominantemente ligados às artes e à cultura popular – teatro, música, pintura, artesanato. Inclui também a indústria criativa, com os setores ligados à indústria de conteúdo – TV, cinema, editorial, novas mídias, e aos serviços criativos – design, moda, arquitetura, gastronomia. Minha prática de trabalho com o tema levou-me à percepção de que se trata de algo maior que isso e hoje, quando se fala em economia criativa, o que surge é o conjunto de atividades que tem como valor ou matéria-prima os recursos intangíveis, que, além de cultura, conhecimento e criatividade, englobam a experiência e a diversidade cultural. Ou seja, tudo aquilo que qualifica e diferencia pessoas, empreendimentos, comunidades.

Esses intangíveis podem ser a gastronomia, o produto cultural, o design inovador, uma comunidade com potencial turístico, o atributo de marca única de uma empresa ou as tecnologias sócio-culturais de uma ONG. Há necessidade ainda de outros ingredientes, como gestão e financiamento, divulgação e capacitação. Igualmente relevante, do ponto de vista da economia criativa, são as pessoas e os instrumentos para realizá-la. A economia criativa promove desenvolvimento sustentável e humano, e não mero crescimento econômico.

FA – O Brasil tem vocação para a economia criativa?

Lala – O Brasil já é uma referência internacional em economia criativa, do ponto de vista do conceito. A experiência de Gilberto Gil no Ministério da Cultura (MinC), durante o governo Lula, é uma prova disso. Os conceitos de iniciativas como os dos Pontos de Cultura e o Programa Cultura Viva estão em sintonia com a perspectiva de futuro, disseminando a ideia de que o MinC não está a serviço dos artistas, mas da comunidade, através dos artistas, diferentemente do que ocorre em outros países, onde ainda prevalece a lógica de que o Ministério da Cultura deve ocupar-se apenas de balés, coros, artes visuais etc. A Secretaria de Economia Criativa, criada na gestão da ministra Ana de Hollanda (MinC), é positiva.

O que nos falta é o capital social, a capacidade de agir de forma integrada, pensar no coletivo. Capital social depende de relações de confiança, que dependem de autoconfiança, que por sua vez depende de autoestima. É preciso valorizar o que a comunidade é e faz, para que a galinha de ovos de ouro não vire canja.

Constata-se também que o Brasil não possui processos e instrumentos claros de gestão. É como ter um hardware sem software, e a Copa é um exemplo disso. O país constrói estádios (hardwares), mas quem vai gerenciá-los? Quem vai trabalhar para enchê-los, depois da Copa? Quem vai treinar os profissionais para o antes, durante e o pós-evento? Xangai em 2005, preparando-se para a Expo 2010, usou os espaços construídos para criar escolas de treinamento dos profissionais que iriam trabalhar no evento. Esse intangível é o software que falta.

FA – Quais são os países que mais têm investido em economia criativa no mundo?

Lala – A China é uma dos principais exemplos. O governo daquele país incluiu no seu plano quinquenal a economia criativa e a economia verde como pernas da atividade econômica. A grande diferença em relação ao Brasil está no campo das intenções. Não temos ainda normas e procedimentos, e tampouco estrutura jurídica ou de processos.

Falta para o Brasil investimento em infraestrutura tecnológica e formação profissional. Uma vez superado esse obstáculo, a identidade e a cultura brasileiras têm tudo para transformar-se em agentes de desenvolvimento da criatividade, com vocação ainda para a exportação de modelos diversificados e autossuficientes. É semear hoje para colher amanhã.

FA – Qual o peso da economia criativa em relação ao PIB do Brasil?

Lala – Faltam ainda réguas adequadas para medir a economia criativa. Não sabemos, por exemplo, medir a dança como atividade, pois o intangível é multidimensional. Por não cuidar adequadamente da economia criativa, o Brasil perde dinheiro e desenvolvimento. De fato, essa atividade gera menos PIB, embora mais qualidade de vida e emprego. Tem impacto social, cultural, econômico e ambiental.

FA – Quais os maiores desafios para a economia criativa nas próximas décadas?

Lala – A economia criativa só pode ser trabalhada por meio de processos, não de produtos ou eventos isolados. Um dos desafios é construir uma cadeia produtiva que inclua as várias etapas do processo criativo: formação, criação, produção, distribuição, acesso, gestão de conhecimento e memória.

Nossa capacidade de criar e comunicar, associada à linguagem, símbolos, escrita, imprensa e tecnologia digital, permitiu saltos evolutivos em nossa história. O futuro ainda não é, mas pode ser de muitas maneiras. Sabendo para onde queremos ir, temos o poder de semear as ideias, visões e processos que podem construir um mundo melhor, que não apenas é possível, mas desejável. ◀



Maurício e Maristela Werner – viagens e muitas fotos pelo Brasil

O fim de um ciclo. Vida nova!

A aposentadoria se aproxima. O que fazer? O afastamento dos amigos, a falta de projetos pessoais e a perspectiva de nova ocupação levam muitos trabalhadores a temerem esse momento. Mas a aposentadoria pode representar a busca por outros objetivos de vida, ter mais tempo para viajar, ler, aprender outras coisas

Pensando em fazer sem pressa o que gosta, o casal Maurício Davi Werner e Maristela Olivo Werner, aposentados da Caixa (Paraná) planejou a Expedição Brasil. Percorreram o litoral e interior do Brasil em quatro meses e meio.

Eles saíram de Curitiba em 25 de abril deste ano, dois meses após Maurício se aposentar. Maristela estava aposentada desde 2010. O casal percorreu centenas de cidades em mais de 15 estados.

“Essa viagem era um sonho antigo. Sempre viajamos em férias, inclusive para fora do Brasil, mas limitados pelo fator tempo”, destaca Maurício. Com a aposentadoria, o sonho virou realidade. O casal já planeja nova viagem: ir de carro até a Patagônia.

Aposentada desde 2008, Terezinha Martins Parreira, que já era associada da ONG Moradia e Cidadania (criada por empregados da Caixa), teve mais tempo para envolver-se com a entidade. Depois de ocupar cargo de gerência, assumiu, em setembro, a presidência executiva da instituição.

“Aquele que decidir pela aposentadoria, sugiro que faça um trabalho social voluntário, uma atividade prazerosa.” Além da ONG, Terezinha participa de oficinas de danças circulares e jogos cooperativos, e pretende fazer biodança em 2012.



Terezinha Martins – mais tempo para o trabalho social



Zello Visconti – a plenitude do artista na aposentadoria

Para o artista plástico José Luiz Visconti, ou Zello Visconti, como é conhecido, a aposentadoria veio de forma natural. O trabalho na Caixa nunca impediu que participasse de exposições dentro e fora do país. Na empresa, realizou atividades ligadas a arte, atuando na Caixa Cultural em Brasília.

Ao se aposentar, acredita que atingiu a plenitude do ser artista, com dedicação total à atividade. Este ano, Zello, que ganhou este apelido da cantora Marlene quando trabalhava na Rádio Nacional, passou por nova mudança de vida. Deixou Brasília e foi morar em João Pessoa (PB). Para ele, bem-estar é o maior alimento do ser humano.

Campo

Em 1994, Dorian de Bosco da Cunha Teles comprou uma propriedade rural em São Miguel do Passo Quatro (GO), a 190 quilômetros de Brasília (DF), pensando em ter uma ocupação quando se aposentasse, o que aconteceu em maio do ano passado.

Ele divide seu tempo entre a vida na cidade e no campo. **“A compra dessa propriedade me ajudou muito a enfrentar a aposentadoria. Não dava para ficar em casa, olhando para as paredes.”** <

Simpósio dos aposentados

Delegados de todo o país participaram do 33º Simpósio Nacional dos Aposentados e Pensionistas da Caixa Econômica Federal, em Salvador (BA), entre os dias 3 e 6 de outubro. A Fenae foi representada no evento pelo diretor-presidente, Pedro Eugenio Leite, a diretora de Administração e Finanças, Fabiana Matheus, e o diretor para Assuntos de Aposentados e Pensionistas da entidade e presidente da Apcef/RJ, Olívio Gomes Vieira. A Federação montou um estande com exposição fotográfica, que retratou a história de luta dos aposentados e pensionistas da Caixa. As fotos do Simpósio estão na galeria de imagens do portal da Fenae (www.fenae.org.br) e no Banco de Imagens da Federação.





Mobilização histórica e conquistas relevantes em cenário adverso

Bancários realizam a maior greve dos últimos 20 anos e asseguram aumento real de salários pelo oitavo ano consecutivo

Os bancários demonstraram uma vez mais a capacidade de organização e o poder de mobilização da categoria frente às adversidades. A despeito do cenário de forte crise econômica mundial, realizaram este ano mais uma campanha salarial vitoriosa, com aumento real de salário, valorização dos pisos e melhoria da participação nos lucros e resultados (PLR), entre outras importantes conquistas.

O reajuste obtido foi de 9% (aumento real de 1,5%). No enfrentamento à sede de lucro dos bancos e à intransigência patronal diante das reivindicações dos trabalhadores, foram 21 dias de greve. O movimento teve início no dia 27 de setembro e foi até 17 de outubro, quando o número de agências de bancos públicos e privados fechadas em todo o país chegou a 9.254.



Foi, portanto, a maior greve dos últimos 20 anos. A de 2010, que detinha esse título, foi superada tanto na duração quanto na abrangência. No ano passado, foram 15 dias de paralisação e o número de agências atingidas, no pico do movimento, foi de 8.278.

Os empregados da Caixa tiveram participação de destaque nessa histórica mobilização. Como tem sido todos os anos, aderiram em peso à greve, contribuindo de forma decisiva para o seu sucesso.

Para Carlos Cordeiro, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf/CUT) e coordenador do Comando Nacional dos Bancários, ao assegurarem aumento real pelo oitavo ano consecutivo, mesmo em situação adversa, os bancários tiveram vitória não só econômica, mas também política, que se traduz em estímulo à luta de todos os demais trabalhadores. “Derrotamos a visão equivocada de que salário gera inflação. Garantimos a continuidade do modelo de valorização do trabalho, como forma de fortalecer o desenvolvimento econômico com distribuição de renda”, disse ele.

Piso, PLR e outros avanços

A pressão da greve assegurou expressiva valorização dos pisos salariais. Nos bancos privados, o piso foi reajustado em 12%, subindo para R\$ 1.400 (aumento real de 4,3%). Na Caixa, a valorização deu-se pela mudança de referência na tabela do PCS, ao final do contrato de experiência. Depois dos 90 dias, o salário sobe dos atuais R\$ 1.637 (valor atual da referência 202) para R\$ 1.826 (referência 203 já aplicado o reajuste de 9% negociado com a Fenaban), representando assim um reajuste de 11,55% nesse piso. Confira na matéria da pág.14 as demais conquistas obtidas nas negociações específicas com a Caixa.

Na PLR, houve melhoria na regra básica adotada no ano passado. A parcela fixa subiu para R\$ 1.400 (reajuste de 27,2%) e o teto da parcela

adicional passou para R\$ 2.800 (reajuste de 16,7%). Na Caixa, foi assegurada também a PLR Social correspondente a 4% do lucro líquido, com distribuição linear para todos os empregados.

O acordo com a Fenaban inclui ainda avanços sociais. Entre as novas cláusulas, uma proíbe a divulgação de rankings individuais dos funcionários, para frear a cobrança das metas abusivas e combater o assédio moral, e outra assegura aviso prévio de até 120 dias (acima, portanto, dos 90 dias previstos na nova legislação). Há ainda a que obriga os bancos a coibirem o transporte de numerário por bancários, fazendo com que a atividade seja realizada por vigilantes, conforme a lei federal nº 7.102/83. A Caixa informou, inclusive, que já tem contrato de transporte de numerários para todas as suas agências.

Os dias de greve não serão descontados. Serão compensados em até duas horas por dia, de segunda a sexta-feira, até o dia 15 de dezembro. Assim como nos anos anteriores, eventual saldo após esse período será anistiado.

A Convenção Coletiva de Trabalho firmada com a Fenaban é válida para todos os bancos em todo o território nacional. São 484 mil os bancários beneficiados. Para o presidente da Fena, Pedro Eugênio Leite, a força da greve deste ano demonstrou que a estratégia da campanha unificada, envolvendo trabalhadores de bancos públicos e privados, consegue preservar a categoria e ainda expandir conquistas até mesmo nas situações mais adversas. “A unidade nacional que alcançamos é o fator determinante dessa nossa trajetória de vitórias”, frisou o dirigente da Federação.

A campanha nacional unificada vem sendo construída desde 2004, por deliberação de todas as conferências e congressos da categoria.



Foto: Nando Neves

PLR Social, 5 mil contratações e valorização do piso na Caixa

As negociações específicas com a Caixa também resultaram em importantes conquistas, como a reedição da PLR social, a valorização do piso e a ampliação do quadro de pessoal em 5 mil empregados até final de 2012. Ainda houve avanços envolvendo carreira, condições de trabalho, saúde do trabalha-

dor e Saúde Caixa. A PLR Social distribuirá 4% do lucro líquido de forma linear para todos os empregados. O montante será distribuído mesmo que, somado à regra da Fenaban, venha a ultrapassar o limite de 15% do lucro da empresa, percentual previsto na convenção coletiva da categoria. Confira na pág. 14 tabela da PLR total (Fenaban e Social).

A valorização do piso se dará por meio de mudança na tabela do Plano de Cargos e Salários (PCS). Os novos concursados passam a ingressar na Referência 202 e, depois de 90 dias, avançam para a 203. Assim, após o contrato de experiência, o salário passa dos atuais R\$ 1.637 (valor atual da ref. 202) para R\$ 1.826 (referência 203 já aplicado o reajuste de 9% negociado com a Fenaban). Isso representa reajuste de 11,55% para o piso.

Os empregados que hoje ocupam a referência 202 passam automaticamente para a 203.

Na Carreira Profissional, o piso passa a ser a referência 802 no ingresso, com valor de R\$ 7.932. Após 90 dias de contratação, o empregado passa para a referência 803, com salário no valor de R\$ 8.128.

O quadro de pessoal da Caixa será ampliado dos atuais 87 mil empregados para 92 mil. A empresa se compromete a fazer as 5 mil contratações até dezembro de 2012.



Modelo da PLR

- Regra básica: 90% do salário mais R\$ 1.400, com teto de R\$ 7.827,29. Isso significa um reajuste de 27,2% na parcela fixa da regra básica.
- Caso a distribuição do lucro líquido não atinja 5% com o pagamento da regra básica, os valores serão aumentados até chegar a 2,2 salários, com teto de R\$ 17.220,04
- Parcela adicional: 2% do lucro líquido distribuídos linearmente, com teto de R\$ 2.800,00, representando um reajuste de 16,7% no teto. Os valores da parcela adicional não serão compensados com planos próprios de remuneração.
- Pagamento: até o dia 1º de março de 2012.
- Antecipação: até 10 dias após a assinatura da Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) — 54% do salário mais o valor fixo de R\$ 840,00, com teto de R\$ 4.696,37, e mais parcela adicional de 2% do lucro líquido do primeiro semestre com distribuição linear entre todos os funcionários limitada a R\$ 1.400,00.





Aviso prévio

Lei Atual		Bancários	
Tempo de casa	Aviso prévio	Tempo de casa	Aviso prévio
1 ano	30 dias	até 5 anos	60 dias
de 2 a 5 anos	até 45 dias	de 5 a 10 anos	75 dias
de 6 a 10 anos	até 60 dias	de 11 a 20 anos	90 dias
de 11 a 20 anos	até 90 dias	20 anos ou mais	120 dias

Fonte: Seeb/SP

Superando injustiças no REG/ Replan não saldado

A Caixa repassará para os bancários que estão na tabela do PCS antigo o aumento de R\$ 39,00 conquistados ano passado para tabela do PCS. O coordenador da Comissão Executiva dos Empregados (CEE Caixa) e vice-presidente da Fenae, Jair Pedro Ferreira, vê a correção dessa injustiça um passo importante na direção da superação das discriminações contra o pessoal que optou por permanecer no REG/Replan não saldado.

Jair Pedro lembra que o acordo específico com a Caixa também foi construído na mesa de negociação, com a pressão da greve, e complementa positivamente as conquistas obtidas no acordo com a Fenaban. **“O que conseguimos nas duas mesas, à custa de muita luta, são avanços que reforçam a política permanente de recomposição salarial com aumentos reais e de ganhos sociais importantes”**, ressaltou.

Aviso prévio - indenização por período maior

A Convenção Coletiva de Trabalho dos bancários trouxe nova cláusula referente ao aviso prévio proporcional. A mudança está acima do que determina a nova legislação sobre o tema (Lei 12.506, de 11 de outubro de 2011), que prevê aumento do tempo de concessão de aviso prévio nas demissões sem justa causa, com acréscimo de três dias a cada ano de serviço, limitado ao máximo de 90 dias. Para os bancários, o limite será de 120 dias e o aviso é indenizado.

A alteração é importante para o combate à rotatividade, porque torna mais caro para os bancos demitirem.

PLR 2011 na Caixa

Salário	Parcela fixa	90% do salário	Total regra básica	Parcela Adicional	PLR social	Total a Receber	Em salários
1.900,00	1.400,00	1.710,00	3.110,00	1.063,53	2.127,06	6.300,59	3,32
2.500,00	1.400,00	2.250,00	3.650,00	1.063,53	2.127,06	6.840,59	2,74
3.000,00	1.400,00	2.700,00	4.100,00	1.063,53	2.127,06	7.290,59	2,43
3.500,00	1.400,00	3.150,00	4.550,00	1.063,53	2.127,06	7.740,59	2,21
4.500,00	1.400,00	4.050,00	5.450,00	1.063,53	2.127,06	8.640,59	1,92
5.000,00	1.400,00	4.500,00	5.900,00	1.063,53	2.127,06	9.090,59	1,82
6.000,00	1.400,00	5.400,00	6.800,00	1.063,53	2.127,06	9.990,59	1,67
7.000,00	1.400,00	6.300,00	7.700,00	1.063,53	2.127,06	10.890,59	1,56
8.000,00	1.400,00	7.200,00	7.827,29 (teto)	1.063,53	2.127,06	11.017,88	1,38

OBS: a Parcela Adicional e a PLR Social foram calculadas com base no lucro líquido do 1º semestre, multiplicado por dois. Os valores serão ajustados de acordo com o resultado anual.

Fonte: DIEESE e CONTRAF/CUT

Outras conquistas

Saúde do trabalhador – Ampliação de 16 para 180 dias da garantia de manutenção de função para trabalhadores afastados por motivo de saúde. O empregado que voltar antes de completar 180 dias de afastamento, terá garantida a titularidade da função.

Saúde Caixa – Filho maior de 21 anos, comprovadamente sem renda, poderá continuar no plano até os 24 anos, como dependente indireto, mesmo que não esteja estudando. Além disso, o empregado poderá manter o filho no plano até os 27 anos desde que não tenha renda e esteja estudando.

Auxiliares de serviços gerais – Empregados nesta carreira receberão reajuste linear de R\$ 60,00 além do aumento negociado na Convenção Coletiva. Com a incidência das vantagens pessoais e adicional por tempo de serviço, o valor pode chegar a R\$ 106,00 em muitos casos.

Compensadores – A Caixa atenderá a reivindicação dos empregados que trabalhavam na extinta compensação de cheques de incorporação do adicional noturno, utilizando os termos do RH151. Dessa forma, a incorporação será válida para os trabalhadores que têm no mínimo 10 anos de trabalho na função, e o valor será calculado com base na média dos últimos cinco anos.

Menor taxa no consignado – Adoção, para os empregados da ativa, aposentados e pensionistas, da menor taxa de juros praticada pela Caixa para o empréstimo consignado.

CCV aposentados – A Comissão de Conciliação Voluntária (CCV) para aposentados em todos os sindicatos, para qualquer assunto.

CCV sobre 7ª e 8ª horas – A Caixa e a Contraf/CUT assinarão, até 60 dias após a assinatura do acordo aditivo, um termo aditivo, estendendo a CCV para os empregados da ativa que queiram reivindicar direitos referentes às 7ª e 8ª horas dos cargos de natureza técnica.

Avaliadores de penhor – Será realizado convênio com instituição especializada para avaliação da eficácia dos equipamentos de proteção individual e para verificação das condições do posto de trabalho do avaliador. O atendimento será feito no balcão do avaliador, e não na bateria de caixas.

Profissionais e TI – Oferecer curso de aperfeiçoamento em condução de reuniões e negociação avançada, em 2012, de acordo com a necessidade de atuação. Valorizar a carreira por meio do projeto Retenção de Talentos.◀





Presidente da Fenaes, Pedro Eugenio (centro), com os diretores do Grupo PAR, Alexandre Monteiro (dir) e Ivan C. Aragão, na inauguração do PAR Saúde

Grupo **PAR** recebe selo de **Qualidade**

O Grupo PAR receberá em novembro o Prêmio Qualidade Brasil 2011, certificado Leader Quality 2011, que é entregue pela Associação Prêmio Qualidade Brasil e reconhece as principais empresas e personalidades associadas à qualidade sustentável. Em 2011, empresas como Globo, Petrobrás, Volkswagen, Wall Mart e Caixa também receberão o prêmio.

Além do reconhecimento, a premiação emite o selo Internacional. Para receber o selo, as empresas são submetidas à auditoria da Associação, que avalia informações e processos de gestão das empresas e parceiros.

“Avaliar os principais impactos sociais, ambientais e econômicos de nossas atividades, e vencer os desafios de promover a gestão de qualidade são essenciais para que nossos valores, ideais e princípios conduzam a gestão de qualidade do Grupo PAR”, ressaltou o diretor-superintendente do Grupo PAR, Alexandre Siqueira Monteiro.

Trabalhando para melhorar a vida dos brasileiros

Há 38 anos no mercado nacional, com faturamento de cerca de R\$ 155 milhões anuais, o Grupo PAR desenvolveu modelos de negócios integrados capazes de maximizar resultados, customizando vantagens nas áreas de Seguros, Relacionamento, Finanças, Tecnologia, Saúde e Férias e Negócios Imobiliários.

Em 2010, o Grupo revelou em sua pesquisa de clima organizacional que 82,2% dos funcionários sentem orgulho de trabalhar na empresa.

A gestão de qualidade interferiu também no posicionamento do Grupo PAR com a comunidade. Em parceria com a Fenaes, coordena o projeto Movimento Solidário, que realiza ações sociais no Lar das Crianças de Petrópolis e em Caraúbas, no Piauí, levando cidadania para regiões que necessitam de infraestrutura, investimentos, educação, saúde e profissionalização.

O Grupo PAR é um conjunto de empresas controlado pela holding FPC Participações Corporativas, criado pela Fenaes com o objetivo de atuar em áreas negociais e gerar recursos para o fortalecimento do movimento associativo. Os resultados são integralmente convertidos para as atividades do movimento, beneficiando direta ou indiretamente os empregados da Caixa, seja na forma de patrocínios a eventos esportivos, culturais e sociais, ou por meio de investimentos em obras nas Apcefs.◀



Compromisso da Fenaef é prosseguir com política de **investimentos nas Apcefs**

O compromisso de seguir com a política de investimentos nas 27 Apcefs afiliadas tem sido uma das principais marcas na atuação da Diretoria da Fenaef, desde a posse em maio deste ano. O propósito é melhorar as estruturas das entidades associativas de todo o país, para assim oferecer mais conforto, lazer e diversão aos associados.

Até o ano de 2014, a Fenaef pretende investir cerca de R\$ 9 milhões nas Apcefs. Até agora, o repasse aproxima-se dos 50% do valor provisionado, ficando a liberação do restante condicionada ao incremento no número de associados, conforme contrapartida aprovada pelo Conselho Deliberativo Nacional (CDN) da Fenaef.

Para o presidente da Fenaef, Pedro Eugênio Leite, o trabalho de disponibilização de recursos precisa estar refletido em aumento significativo no quadro de filiados das entidades associativas dos empregados da Caixa. Ele diz que as Apcefs devem encarar isso como uma missão, trabalhando junto com

a Fenaef para o sucesso dessa tarefa. E acrescenta: **“Hoje, depois que a política de investir mais no fortalecimento das Apcefs foi iniciada em 2008, a situação dos clubes sociais das associações melhorou, mas é preciso trabalhar ainda mais para que o quadro de filiados não fique estagnado”.**

Fabiana Matheus, diretora de Administração e Finanças da Fenaef, é da opinião que as novas estruturas físicas e administrativas das sedes sociais devem beneficiar as associações de fato, sem prejudicá-las com mais custos. Para que assim ocorra, ela defende uma melhoria no processo de gestão dessas entidades e maior esforço para aumentar o número de associados, **“para que em 2014 o movimento associativo alcance pelo menos a média de 60% dos empregados da Caixa filiados a uma Apcef, ampliando assim o mecanismo de representação e luta dos bancários da empresa”.** Atualmente, é de 45% o quadro de filiados às associações.

Continuidade do projeto da gestão anterior

Os atuais investimentos na revitalização das Apcefs dão continuidade a um projeto desenvolvido na gestão anterior, quando foram disponibilizados R\$ 7 milhões para melhorar instalações, equipamentos e serviços oferecidos aos bancários da Caixa. Isto possibilitou a construção ou a reforma de ginásios de esportes, piscinas, campos de futebol, bistrô cultural, salões de festas, parques aquáticos, churrasqueiras e chalés, beneficiando associações como a do Acre, Alagoas, Amazonas, Amapá, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Fabiana Matheus esclarece que a Fenaé dispõe de R\$ 250 mil mensais para investir nas Apcefs. Os investimentos da primeira etapa totalizam R\$ 5 milhões e abrangem o período de maio de 2011 a



Apartamentos construídos pela Apcef do Mato Grosso do Sul

dezembro de 2012, prevendo valor fixo de R\$ 150 mil por associação e mais valor variável, de acordo com o número de associados. A segunda etapa, no entanto, é totalmente variável e está baseada em um objetivo a ser alcançado individualmente por cada associação – o aumento no quadro de filiados das Apcefs. Para essa etapa, inclusive, estão previstos investimentos de R\$ 4 milhões. Essa política, segundo Pedro Eugenio, visa arrumar a casa para melhor receber as pessoas.◀



Reunião de diretores da Fenaé com diretores da Apcef do Rio de Janeiro

Arte **para todos**

Projeto “Eu Faço Cultura” amplia a integração com instituições beneficentes e organizações não-governamentais

Em 2011, as oficinas de percussão do projeto “Eu Faço Cultura” estão sendo realizadas em instituições beneficentes e organizações não-governamentais. Essa é mais uma ação de inclusão social do projeto, que atua também com a arrecadação de alimentos não-perecíveis entre as pessoas que frequentam os shows promovidos em diversas cidades do país.

Uma das entidades atendidas com a oficina de percussão foi a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Florianópolis. O músico Léo Barbosa, do grupo Marambaia, está há 5 anos no Eu Faço Cultura, e tem um filho que é portador de síndrome de Down. Léo relata que a oficina realizada na APAE foi uma das experiências mais marcantes que ele teve no projeto. “Fui para a oficina realmente sem saber o que aconteceria ali. Logo nos primeiros minutos já senti que seria uma oficina muito diferente”, diz o músico.

Segundo Léo, o resultado foi uma grande surpresa. **“Foi uma oficina super animada. Quem me dera se todas fossem assim. Todo mundo participando,**

cantando, dançando e curtindo de verdade aquele momento. Na verdade, nem sei quem curtiu mais se foram eles ou eu”.

Ao final do segundo dia de oficina, o grupo Marambaia fez um mini show para todos os alunos e funcionários da APAE. “Foi um pequeno bailinho. Ai sim a dança correu solta. Bom demais. Aqueles dias vão ficar comigo para o resto da vida”.

Além da APAE Florianópolis, receberam oficinas de percussão as entidades Ilusão Esporte Clube, em Governador Valadares (MG), CAERP, em Ribeirão Preto (SP), Pequena Casa da Criança, em Porto Alegre (RS), Centro de Assistência Integral a Criança (CAIC), em Divinópolis (MG), Lar e Escola Monteiro Lobato, em Sorocaba (SP), Centro Espírita Beneficente 30 de Julho, em Santos (SP), Associação dos Amigos da Criança com câncer ou cardiopatia (AMICC), em São José do Rio Preto (SP), Junta Salvador Pernambues em Ação, em Salvador (BA), Projeto Batucadeiros, em Brasília (DF), e Legião Franciscana de Auxílio aos Necessitados (LEFAN). <





COTIDIANO: O QUE TE INSPIRA?



O CONCURSO
FOTO FENAE 2011,
ESTÁ COM INSCRIÇÕES
ABERTAS,
O TEMA É COTIDIANO.

DATA LIMITE
PARA INSCRIÇÃO:
06 DE DEZEMBRO
DE 2011





Denir Maria Wechi – vida dedicada ao esporte

Jogos da Fenae Muito além de **manter a saúde**

Conheça os empregados da Caixa que começaram a praticar esportes para manter a boa saúde e se destacaram como atletas competitivos



Conciliar a prática esportiva com o trabalho na Caixa é um cuidado com a saúde que requer muita disciplina. Alguns empregados foram além e estão conseguindo se destacar em diversas provas competitivas.

A atleta Margaret Mullará é uma dessas trabalhadoras que conseguiram uma trajetória de sucesso em competições esportivas, incluindo provas internacionais. Participou como velocista de dois Jogos da Fenae (1998 e 2006), mas descobriu que gostava mesmo era de corridas de longa distância. Nos últimos 15 anos, já competiu em mais

Renato Moraes Corrêa – dos Jogos Fenaes ao clube do Flamengo



de 350 provas, esteve em todas as edições da Meia Maratona do Rio de Janeiro e correu quatro vezes os 89 quilômetros da ultramaratona Comrades Marathon (uma das mais importantes do mundo), na África do Sul.

O fundista Ismael Pereira da Silva, do Paraná, também tem uma história de destaque: corre desde 1985, já esteve em cinco edições dos Jogos da Fenaes e atualmente dedica-se a participação em maratonas. **“Passei a correr por incentivo do meu irmão, que acreditava que eu tinha potencial.”**

Superação

A atleta Denir Maria Wechi iniciou a carreira em 1990 como velocista, em Santa Catarina. Depois de se mudar para o Rio de Janeiro, virou maratonista, tendo participado de provas como a maratona de Nova Iorque, meia maratona do Rio e da 17ª Maratona de Blumenau (2001), onde obteve sua melhor marca: 20º lugar. Uma doença degenerativa nos pés afastou Denir das maratonas, mas não do esporte. Agora se dedica ao tênis de campo e participa de regatas a vela como tripulante.

Natação

As piscinas revelaram atletas de alto desempenho. Um deles é Renato Moraes Corrêa, do Rio de Janeiro. Ele competiu até os 16 anos nesse esporte mas teve que interromper as atividades. Retornou vinte anos depois, ao participar dos Jogos da Fenaes 2006. De lá para cá, vem competindo no Circuito Estadual Máster, representando o Flamengo, e em travessias como Dos Fortes e Rei e Rainha do Mar, em Copacabana.

Jogos regionais mobilizam associados das Apcefs

As Apcefs do Amazonas, Bahia, Distrito Federal e São Paulo foram as campeãs dos Jogos Regionais (Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul/Sudeste) realizados nos meses de junho e setembro deste ano. Os regionais acontecem a cada dois anos, com o apoio da Fenaes, e têm o objetivo de estimular a prática esportiva entre os associados das Apcefs. Durante as disputas, não faltaram desempenho e empolgação por parte dos esportistas.



Antônio Marcos Diniz de Araújo (Acre) — Aos 29 anos, é uma promessa no atletismo. Velocista, começou a competir na Corrida do Pessoal da Caixa 2009. Nos Jogos Regionais do Norte 2011, conquistou três medalhas de ouro. Entusiasmado, disputou as seletivas e conseguiu classificação para fase nacional dos Jogos Olímpicos Universitários, que acontece em novembro.

Sônia Regina de Carvalho (Bahia) começou a competir na Corrida do Pessoal da Caixa 2004 e, nos últimos sete anos, além de participar dos eventos esportivos da Fena e Apcefs, tem competido em corridas de rua (5/10/15 km) como as meia-maratonas. É medalhista em Jogos da Fena e Jogos Regionais.



Elias Riter (Rio Grande do Sul) começou a praticar tênis de campo ainda criança. Por incentivo dos treinadores, passou a competir especialmente em torneios estaduais. Sua melhor marca foi em 2003, quando chegou às finais de todos os torneios que disputou, sagrando-se campeão em cerca de 70% deles.

Tem sido destaque em Jogos da Fena desde 2008.<





Reunião do Conselho Deliberativo da Funcef

Em defesa da **aposentadoria**

O crescente número de ações judiciais que envolvem a Funcef, a maioria relativa a questões trabalhistas, revela um cenário preocupante que requer ações imediatas. As despesas administrativas geradas pelo contencioso jurídico e o provisionamento para o caso de possíveis perdas na Justiça estão onerando os resultados, com impacto direto na revisão dos benefícios.

Além disso, caso a decisão judicial seja favorável ao reclamante e haja revisão de benefícios, é necessário aporte à reserva matemática por parte do participante e da patrocinadora. Na média, para cada R\$1,00 de aumento no benefício, é necessário aumentar em R\$ 200,00 a reserva matemática. Caso isso não chegue a ocorrer, a tendência é o plano ficar deficitário e serão exigidas contribuições extraordinárias, tanto da patrocinadora como de todos os participantes, independentemente de ser ativo ou aposentado e

de ser beneficiário da revisão ou não.

A preocupação com o problema foi realçada no Simpósio dos Aposentados e no Fórum de Dirigentes de Entidades com Representantes Eleitos na Funcef, realizados em outubro. Para as representações dos associados, a forte elevação do contencioso é de inteira responsabilidade da Caixa, uma vez que decorre de sua política de pessoal.

“A busca por direitos na Justiça é legítima. Mas há que se responsabilizar quem efetivamente deu causa ao objeto da ação”, ressalta a conselheira deliberativa eleita Fabiana Matheus.

Entre os principais objetos das ações judiciais, figuram atualmente o Complemento Temporário Variável de Ajuste de Mercado (CTVA), o auxílio cesta-alimentação e o auxílio-alimentação.

O CTVA foi responsável por uma disparada no número de ações, a partir de julho deste ano. Por conta dos questionamentos à exclusão dessa rubrica da base de contribuição aos planos de benefícios, o número de processos instaurados no trimestre de julho a setembro atingiu 3.352, ao passo que, no mesmo período em 2010, foram 669 – crescimento de, aproximadamente, 501%.

Ato unilateral

Ao implantar o CTVA, a Caixa decidiu excluir essa rubrica da base de contribuição à Funcef. A medida ocorreu em um período em que a empresa estava sendo preparada para a privatização. Foi adotada sem qualquer consulta aos participantes e à própria Funcef.

Com a iniciativa tomada pela sociedade em 2002, para mudar os rumos do país, a Caixa também teve o seu destino recolocado nos trilhos, foi fortalecida e teve o seu papel social resgatado. Mas o CTVA, com o impacto que tem na Funcef, ainda persiste como erro do passado a ser resolvido.

Para as representações dos empregados, chegou a hora de a Caixa encarar de frente o problema, que é inteiramente seu, uma vez que decorre de decisão exclusivamente sua, ainda que tomada em outra circunstância.



Simpósio dos Aposentados – Salvador (BA)





Fórum de Dirigentes de Entidades com Representantes Eleitos

Desafio

A avaliação de que a solução do problema gerado pela elevação exponencial do contencioso jurídico não passa por medidas internas da Funcef, mas sim pelas instâncias de direção da Caixa, impõe como desafio aos empregados e aposentados da Caixa realizar grande movimento em defesa da aposentadoria.

As representações dos associados – entidades associativas e sindicais, diretores e conselheiros eleitos – consideram urgente a eliminação da ameaça que paira sobre o equilíbrio dos planos de benefícios. A conselheira eleita Fabiana Matheus lembra que “a situação está se agravando, a conta fica cada vez maior e não é admissível que ela acabe sobrando para os participantes, sendo a Caixa a responsável por gerá-la”.

O diretor de Benefícios da Funcef, José Carlos Alonso, um dos eleitos pelos associados, diz que, se a Caixa continuar se negando a responder pelos problemas que ela própria criou, quem vai sofrer as consequências serão os participantes. “E os aposentados, que já passaram por forte arrocho nos últimos 15 anos, vão continuar sem a devida recuperação dos benefícios”. <

CONCURSOS DO CIRCUITO CULTURAL 2011 E 2012



Lucro insustentável

Produtos saem de fábrica com tempo de vida útil reduzido, gerando consumismo e ampliando a quantidade de lixo a ser tratado. Veja como o Brasil reage aos danos ambientais causados por essa prática comercial abusiva

Celular, máquina fotográfica, eletrodoméstico: quem já comprou um produto e teve a sensação de que o aparelho novo é mais descartável do que o antigo? Muitos produtos saem da fábrica planejados para funcionar por curto período, para logo serem substituídos, numa lógica dedicada a estimular o consumo.

A prática é conhecida como obsolescência programada, e vem funcionando desde meados do século 20, quando as empresas perceberam que se o produto durasse muito tempo, as pessoas não precisariam comprá-lo por mais vezes. Manter esse ciclo de compras ainda é um fator indispensável para que algumas empresas possam sobreviver financeiramente. No entanto, isso vem gerando um sério problema ambiental, o aumento dos resíduos, muitas vezes constituído de material tóxico ou de pouco reaproveitamento.

Para o professor de administração da UnB, Rafael Porto, nem sempre lucro e questões ambientais estão em campos opostos. Ele avalia que quando esse conflito ocorre é preciso que haja uma regulação por parte do poder público, para que as empresas

Acesa por 110 anos

A lâmpada elétrica feita à mão por Adolphe Chaillet está acesa há 110 anos e foi até incluída no livro dos records. Ainda que fosse possível reproduzi-la, dificilmente a lâmpada centenária sobreviveria à força de um acordo firmado na década de 1920 pelos fabricantes de lâmpadas. O tempo de vida útil das lâmpadas hoje continua limitado.

se adaptem às normas ambientais. Segundo Porto, a regulação e a fiscalização ainda são os instrumentos mais fortes para resolver questões relativas a esse impasse. Outros modelos de negócio sustentáveis também podem ser desenvolvidos a partir dessas exigências governamentais.

Legislação

No Brasil não existem leis que restringem a obsolescência programada. No entanto, as leis podem fazer com que os fabricantes que se utilizam dessa prática sejam responsáveis pelo lixo que produzem. Em 2010 foi aprovada a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS)





- Lei 12.305/2010 e o decreto que regulamenta essa lei (Dec. 7.404/2010).

De acordo com dados da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (PNSB 2008), são coletados diariamente cerca de 183 mil toneladas de resíduos sólidos urbanos, o que corresponde a uma geração de 1,1 kg/hab por dia. Para diminuir os impactos negativos causados pela disposição inadequada dos resíduos, o PNRS institui uma série de medidas, entre elas a eliminação de lixões até 2014 (pelas prefeituras e governos estaduais) e institui metas de redução dos resíduos por meio da chamada logística reversa.

A professora doutora do Instituto Federal de Brasília, Luciana Massukado, explica que, conforme o art. 3º da PNRS, a logística reversa estabelece a responsabilidade compartilhada pelos resíduos entre geradores, poder público, fabricantes e

importadores. Visa a coleta e a restituição dos resíduos sólidos para reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou outra destinação final ambientalmente adequada.

Estão obrigados a implantar sistemas de logística reversa mediante o retorno dos produtos após o uso pelo consumidor, os fabricantes, importadores, distribuidores e comerciantes de pneus, lâmpadas fluorescentes, de vapor de sódio e mercúrio, pilhas e baterias, óleos lubrificantes, embalagens de agrotóxicos e produtos eletroeletrônicos.

Segundo Luciana Massukado, **“Esse mecanismo é importante na redução dos resíduos que são encaminhados para os aterros sanitários, além de estimular a consciência ambiental de toda a cadeia produtiva envolvida, sobretudo na fabricação de produtos eletrônicos e tóxicos”**. <

As lâmpadas incandescentes estão com os dias contados. O rendimento desse tipo de lâmpada é mínimo: apenas o equivalente a 5% da energia elétrica consumida é transformado em luz. O resto é transformado em calor, o que gera baixa eficiência. Na União Europeia, elas não serão encontradas no mercado a partir de 2012. No Brasil, a previsão é que essas lâmpadas deixem de ser comercializadas até 2016, caso não apresentem melhoria significativa na eficiência energética. A medida é resultado de uma portaria dos Ministérios de Minas e Energia, Ciência e Tecnologia, e Indústria e Comércio, que visa diminuir o consumo de energia.



A beleza e o encanto natural na mais antiga formação rochosa do país

Lugar de beleza exuberante e que leva o visitante a uma viagem ao passado. Assim o Monte Roraima (RR) é descrito por turistas que o visitam. A ida à formação rochosa de quase 150 bilhões de anos é para quem gosta de se aventurar e estar em contato com a natureza. Lá, não existe a infraestrutura dos tradicionais pontos turísticos, e para chegar ao seu topo são necessários dias de caminhada e enfrentar dificuldades como o clima que alterna de forma inesperada entre sol e chuva no decorrer do dia, trilhas escorregadias, rochas e travessia de rios caudalosos.

Tanto esforço tem uma recompensa: um cenário estonteante, que para alguns lembra o parque dos dinossauros, e inspirou o botânico Everar Im Thum – primeiro homem branco a subir ao cume do monte – a escrever o *Mundo Perdido*, obra publicada que relata a sua expedição.

No Roraima, rios, bromélias, animais exóticos como a pequena rã negra, e os Jacuzzis — piscinas naturais com o chão coberto de cristais, — lembram mais cenários cinematográficos. Outro destaque são as cachoeiras como o Salto Angel, considerada maior queda d'água do mundo, com 979 metros, e o Fosso, local paradisíaco que propicia momentos de descanso e recreação.

O monte tem 2.875 metros de altitude e marca a divisa entre o Brasil, Venezuela e Guiana. A melhor época para visitá-lo é o período de menos chuvas, em especial os meses de dezembro e janeiro.

Para chegar ao topo fazendo apenas o trekking (caminhada), só é possível pelo lado venezuelano, deslocando-se da cidade de Santa Elena de Uairén, onde se chega de ônibus ou táxi a partir de Boa Vista, ou de ônibus, vindo de Caracas.

Parque

Em junho de 1989, foi criado o Parque Nacional de Monte Roraima, responsável pela preservação da área. Antes, na região, existia uma área indígena, o que contribuiu para mantê-lo preservado. <



Foto: Edgar Perlotti

Foto: Luis Castro

PERLÓTTI ARRANJAMA



“O mais incrível é a energia que existe no lugar. Mesmo para o mais cético e racional, é impossível não notar que tudo é muito diferente por ali, é como entrar em um universo paralelo por alguns dias. É uma viagem de autoconhecimento.”

(Edgar Perlotti subiu o monte no final de 2010)



Foto: Edgar Perlotti



Foto: Flávio Bocarde

Foto: Edgar Perlotti

Informações:
Parque Nacional do Monte Roraima
(95) 3592-1807.

Democracia da Auto Construção

“Democracia da casa própria” é modelo universal? Na França, o modelo é o da locação social. O cidadão tem direito de acesso à moradia, desde que pague arrendamento, mas não à propriedade privada de habitação, financiada pelo Estado com subsídio, isto é, taxa de juros abaixo da estabelecida no mercado.

Porém, o modelo norte-americano da propriedade particular grassou não só pelos países anglo-saxões como também pela América Latina. Ficou conhecida a hipótese do economista peruano Hernando de Soto: os moradores das favelas sem escritura estariam sem garantia ou colateral para empréstimo e, logo, sem crédito hipotecário. Nesse encadeamento, estariam também sem dinheiro para alavancar negócio próprio. Sua hipótese era “dar vida a capital-morto”: com escrituras eles se tornariam donos de suas casas e, daí, microempreendedores.

Infelizmente, essa hipótese neoliberal foi falseada na crise corrente. O comprometimento de grande parte da renda pessoal com o financiamento da casa própria levou aos devedores ficarem sem novos empréstimos e pior: com risco de mercado (perda de valor) e liquidez (dificuldade de venda do imóvel).

O lugar-comum “sonho da casa própria” exige longo endividamento dos donos de imóvel, cujo valor de mercado pode cair ao longo do tempo, tornando-se inferior ao saldo devedor. É investimento inseguro e ilíquido.

O problema do crédito hipotecário é que o imóvel dá segurança ao credor, mas hipoteca provoca endividamento em longo prazo. Sujeita, então, o devedor às agruras da inadimplência com a perda de ocupação (ou emprego) e renda para cumprir o serviço da dívida.

Em termos de política pública para favelas, o “jeitinho brasileiro”, via Construcard da Caixa, é muito mais criativo (e humanista) do que a política de despejos domiciliar dos norte-americanos. Além da segurança em relação às remoções, conquistada na democracia brasileira, uma das políticas públicas que colaboraram para substituição de barracos provisórios por edificações mais sólidas e perenes foi a de facilitar a aquisição de materiais de construção, para reformar ou ampliar a casa, aliás, sob intensa crítica do setor imobiliário formal.

Recentemente, a ideia dominante passou a ser a do apoio à iniciativa individual, com ênfase em programas de concessão de microcrédito, para tocar o próprio negócio, organizado de maneira espontânea. É outra panaceia? Assim como se comprovou que o crédito hipotecário não gera enriquecimento, o microcrédito produtivo orientado – grupo de aval solidário mais endividamento de mulheres empreendedoras pobres mais educação financeira – não pode ser visto, obviamente, como “a solução mágica” para acabar com a pobreza. É necessário, mas não é suficiente.

A favela é vista, então, como zona potencial de microempreendedorismo. Ele se firmando, espera-se que se multiplicarão a renda, as ocupações profissionais e as benfeitorias (arruamento, saneamento, iluminação pública, etc.) para os moradores das favelas. Elas se transformariam, assim, em bairros populares.◀



Arquivo pessoal



Fernando Nogueira é professor associado do IE-Unicamp, 56. Foi vice-presidente da Caixa Econômica Federal de 2003 a 2007.
fernandonogueiracosta.wordpress.com
fercos@uol.com.br

Abdias do Nascimento

Uma vida dedicada à luta contra o racismo

consciência étnica e o direito de se sentirem como ser. Ele atuou como um peregrino de seus próprios sonhos, e foi capaz de usar todas as ferramentas que estavam ao seu alcance: o Congresso Nacional, as artes plásticas, a literatura, o jornalismo e o teatro.

Quem o conheceu aprendeu a admirá-lo, entre outras coisas, porque Abdias do Nascimento propagava a ideia de que o negro no país, como o setor mais explorado da pirâmide social, forjava por meio de uma cultura afro-brasileira os pilares das mudanças estruturais no Brasil. Sua militância política começa em 1930, quando ingressou na Frente Negra Brasileira. Daí foi um pulo para, anos depois, participar da organização do primeiro Congresso Nacional Afro-Campineiro, cujo objetivo era debater formas de resistência à discriminação racial.

Outro legado de Abdias do Nascimento foi combinar as ações políticas com a arte. Tanto que, entre 1944 e 1968, idealizou, fundou e dirigiu o Teatro Experimental do Negro (TEN), companhia pioneira no incentivo à inclusão do artista afro-descendente no panorama teatral brasileiro.

Na época, por exemplo, o protagonista de cor era interpretado por um ator branco tingido de negro, e a proposta de Abdias era criar um teatro que valorizasse os artistas negros. Como resultado disso, o TEN passa a encenar uma série de novas peças da dramaturgia brasileira, focalizando questões de relevância para a cultura negra.

Outra frente de atuação foi o jornal Quilombo, órgão que divulgava notícias do movimento negro, e que realizou dois eventos de peso: a Conferência Nacional de Negro (1949) e o primeiro Congresso do Negro Brasileiro (1950). Publicado em 1961, o livro *Dramas para Negros e Prólogos para Brancos* foi o primeiro de uma série que denunciava o racismo.

Em 1968, devido à perseguição política, Abdias do Nascimento parte para um exílio de 13 anos, onde atua como conferencista e professor universitário. De volta ao Brasil, a alternativa escolhida foi a carreira política, com mandatos de deputado federal e senador pelo PDT.

Uma das convicções de Abdias do Nascimento era a de que há lugar para a cultura negra nesses tempos de avareza, cobiça e egoísmo. O foco de sua luta era um futuro de justiça e harmonia. Para ele, jamais o Brasil será melhor, se o negro não tiver melhores condições e oportunidades. Uma memória a ser honrada nos sonhos, nas esperanças e nas certezas dos antepassados da negritude.◀





Metade da população de Caraúbas passou a ter acesso à água potável e saiu da linha de pobreza

Movimento Solidário muda realidade no interior do Piauí

A Fena e o Grupo PAR anunciaram, no dia 4 de outubro, as principais ações do programa Movimento Solidário de 2011 em Caraúbas (PI). O programa promove o desenvolvimento econômico, social e sustentável em comunidades carentes, firmando parcerias para investimentos em infraestrutura, saúde, educação e cultura de acordo com o Pacto Global, documento proposto pela ONU para o desenvolvimento da cidadania.

Em 2011, o maior programa de desenvolvimento do cidadão coordenado pelo Grupo PAR e a Fena lançou novas plataformas de arrecadação: o novo site e a doação de prêmios pelo Mundo Caixa, conquistando maior aderência. E ainda, inaugurou o polo de confecções e conquistou ônibus escolar e poços artesianos para a população rural.

Polo de confecções

O polo de confecções, inaugurado dia 30 de junho em Caraúbas do Piauí revitalizou a atividade industrial do município, gerando emprego e renda com a confecção de roupas e utensílios. Referindo-se à importância do trabalho

coletivo, o coordenador do polo, Sebastião Neto, disse que “a organização tem transformado a vida dos moradores e da cidade, mudando a sua realidade e fazendo do polo um corredor turístico”. A cidade, localizada na região litorânea do Piauí, tem 5% do PIB relacionado à atividade industrial, segundo censo do IBGE.

Ônibus escolar

A Prefeitura de Caraúbas do Piauí recebeu um ônibus escolar novo, adquirido com recursos do Ministério da Educação, através do projeto da Fena e Grupo PAR, inscrito no programa Caminho da Escola. O veículo, avaliado em 198 mil reais, tem capacidade para 44 alunos com adaptação para cadeirantes e toda a segurança exigida pela legislação de transporte escolar.

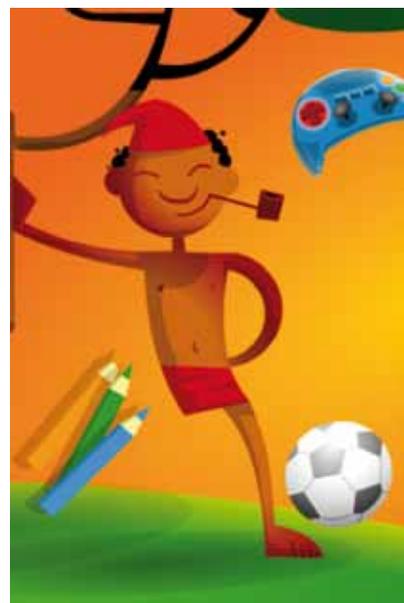
O programa Caminho da Escola prevê crescimento da frota de veículos de transporte escolar destinada a alunos da educação básica da rede pública residentes, prioritariamente, na zona rural. A aquisição de veículos financiados pela Caixa é uma das ações do programa Caminho da Escola. <

Poço Artesiano

A Fena, através da campanha “Doce Parceria”, beneficiou mais de 40 famílias com a perfuração de poços artesianos na zona rural do município. Para Lídia Souza, presidente da Associação dos Moradores, os poços artesianos são uma solução para a erradicação da seca e para a saúde da população. **“Isso é apenas o começo de um grande avanço nas comunidades rurais, graças ao apoio da Fena”** ressaltou. A erradicação da miséria e da seca em Caraúbas são prioridades para o programa Movimento Solidário desde seu início em 2006.

Tarsila do Amaral para crianças

Em 2011, a pintora e desenhista Tarsila do Amaral completaria 125 anos de vida. Seu mais famoso quadro, o *Abaporu*, de 1928, inaugurou o movimento antropofágico nas artes plásticas. Além de divulgar exposições e notícias da pintora, o site oficial apresenta uma seção voltada para crianças. Diversas atividades são oferecidas com diferentes níveis de dificuldade:



quebra-cabeças, caça-palavras e jogos da memória podem ser baixados e executados localmente no computador. As atividades são atualizadas regularmente. Acesse: www.tarsiladoamaral.com.br/criancas.html



Games para todas as idades e gostos

O site de games reúne centenas de jogos para todos os perfis: jogos em 3D, para quem gosta de aventura; educativos, para as crianças; nostálgicos, para quem jogou Atari e Nintendo na infância; e até de raciocínio, para exercitar a mente. Selecionamos um jogo em homenagem ao Dia do Saci, experimente: www.sitedegames.com/criancas/dia_do_saci.htm



Chiquinha Gonzaga

A compositora e maestrina Chiquinha Gonzaga (1847-1935) está entre as artistas mais prolíficas de seu tempo. No entanto sua obra ainda é em grande parte desconhecida do público e dos músicos. Para tornar suas obras mais acessíveis, os pianistas e pesquisadores Alexandre Dias e Wandrei Braga lançaram o site Acervo Digital Chiquinha Gonzaga, fruto de pesquisas que duraram mais de 3 anos. Mais de 300 partituras estão disponíveis gratuitamente (com exceção das músicas que compõem a integral das peças teatrais). O site faz parte de um projeto que também vai promover recitais e oficinas de música em torno do repertório dessa artista. Prestígio: www.chiquinhagonzaga.com.br

Entre osgêmeos e certos “artistas contemporâneos”, fico com os grafiteiros

Há um ano, vi com Lilás em Lisboa a exposição *Pra Quem Mora Lá, o Céu é Lá*, dos grafiteiros Otávio e Gustavo Pandolfo, conhecidos como osgêmeos. Era a primeira vez deles num museu. Na entrada, três pinturas de um lado, do outro instrumentos para quem queira tocar: teclado, guitarra, bateria e baixo. Uma moça se exprime no teclado enquanto a filhota de sete anos acompanha na bateria. Noutra sala, dois painéis com paisagens na parede de seis metros de altura e vinte de comprimento. Duas casinhas inclinadas, feitas de madeira usada e outras sucatas, pregadas a quatro metros de altura, tudo com muita cor, provocam efeito inusitado.

“Dentre todas as coisas, a mais deliciosa é a novidade”, explicou-nos do fundo dos tempos o poeta latino Ovídio, autor da *Arte de Amar*.

Ao fundo, uma das inúmeras portas “falsas” do ambiente abre-se, enfim, para algo palpável: um quatinho em tons rosa, todo espelhado, com cama, travesseiro – convite a sentar, deitar, refletir. Osgêmeos misturam hip-hop com movimento antropofágico, Guignard, Portinari, Volpi, descreveu o curador da exposição.

Sáímos gratificados e passamos a outra exposição, ao lado. Não nos vem à memória o nome do “artista”, mas não faz falta. Na primeira sala, passava em várias telas um vídeo sem cabeça nem pé, um homem gordo se desfazendo, morcego saindo da boca de alguém, uma neurótica em diversos momentos de sua depressão. Lilás viu alguns segundos e caiu fora. Fiquei de teimoso, quem sabe alguma coisa ali fizesse um fiapo de sentido. Desisti. O tipo de “experiência” da qual você sai desengrandecido.

A sensação volta ao ler, na *CartaCapital* de 5 de outubro de 2011 (nº 666!), que o crítico francês Jean Clair afirma que expor certo tipo de “artista contemporâneo” em Versalhes “é como um burro que põe o fardo em seu dono”. As ilustrações mostram duas dessas “obras de arte”: um bezerro partido ao meio longitudinalmente e metido no formol; e três crianças enforcadas (bem “reais”), penduradas nos galhos de frondosa árvore.

Clair denuncia o esquema: um marchand consegue expor um desses enganadores numa galeria, junto com reconhecidos artistas. Vende uma obra dele para algum deslumbrado. Negocia então uma exposição num museu. Se tudo corre bem, sobe a cotação. Mas, explica Clair, como na bolsa de valores, o “mercado” muda; quem comprou por último e não se livrou daquilo, fica com o mico. Clair verbera contra os “criadores de obras autodestruidoras”. Os que usam como “matéria-prima” fezes, urina, esperma, unhas. Num ambiente de culto ao dinheiro, diz ele, “caiu-se no nível das latrinas”. E vimos noutra museu uns tijolos espalhados no chão, um emaranhado de hastes de ferro e vidro quebrado.

Se você viu na Bienal paulista urubu vivo, um “artista” apontando sua pistola para a cabeça de altas autoridades mundiais, e, por não gostar, achou que não entende de arte, sossegue. Jean Clair também não teria gostado. E ele é respeitado crítico, ex-diretor do Museu Picasso, de Paris, curador de aplaudidas exposições.

Sossegue. Os farsantes passarão, e osgêmeos ficarão. <



Anoncio Chiodi.

Mylton Severiano
é jornalista e escritor.



As boas histórias são contadas por quem participou de cada capítulo e ajudou a escrever uma marca de Qualidade. O Grupo PAR adicionou mais uma grande história a sua trajetória, ganhando o Prêmio Qualidade Brasil 2011. Conquista que escrevemos com o apoio de boas parcerias, como da Fenaec.

Obrigado.

GRUPO
PAR

Qualidade é ter Você por perto

Fortaleça a sua Apcef e concorra a PRÊMIOS e a um CARRO ZERO Km



Vários prêmios já foram sorteados. Confira no site quem são os ganhadores.

Conheça as regras e participe da promoção.
Você pode ganhar muitos prêmios e um carro zero km.
Confira no site da FenaE: www.fenaE.org.br/clubedeamigos